Valor Econômico (Brazil), 8. März 2006

Quando a gestão é delas

Estudo alemão demonstra que os fundos geridos por mulheres captam 18% menos do que as carteiras administradas por homens. Por **Mara Luquet**, de São Paulo

Os investidores preferem que suas carteiras sejam geridas por homens. A constatação faz parte de estudo que mostra que a captação de fundos administrados por mulheres é 18% menor do que em carteiras administradas por homens. O estudo, batizado de "Sex Matters: Gender and Mutual Funds", foi conduzido por Stefan Ruenzi, professor assistente de finanças na University of Cologne, na Alemanha, e uma de suas alunas de Ph.D, Alexandra Niessen.

Ruenzi e Alexandra focaram apenas no universo de fundos mútuos americanos geridos por um homem ou uma mulher por dez anos, até 2003. Apenas 11% desse universo pesquisado são carteiras administradas por mulheres. No Brasil, dos mais de R$ 700 bilhões investidos em fundos mútuos, menos de 4% estão sob gestão de mulheres.

Alguns estudos já demonstraram que a performance dos fundos de investimento tem uma correlação positiva com a educação e a experiência do gestor. Outros já demonstraram que o sexo é um dos mais importantes fatores para a determinação do estilo de investimento. Os autores dizem que quiseram colocar alguma luz na relação homem, mulher e o dinheiro. Mas a maior surpresa dos autores foi constatar que os fundos administrados por mulheres têm uma baixa captação.

Os pesquisadores não encontraram nenhuma justificativa racional para que os investidores prefiram fundos geridos por homens, uma vez que não há diferenças significativas em termos de resultado. De fato, os investidores podem descobrir que as carteiras sob gestão de mulheres são melhores, dizem os estudiosos.

Isso ocorre porque homens, em geral, são "overconfidents", ou seja, têm confiança excessiva. Esse fenômeno é o mesmo que leva um homem a jamais parar e pedir informação para achar o caminho quando está perdido. Na gestão, funciona da seguinte forma: ele sempre acha que consegue bater o mercado e que tem informações que mais ninguém tem. Isso é a "overconfindence" que os diversos estudos de finanças comportamentais atestam ser uma das principais características do estilo de investimento masculino.

Por isso, os homens tomam posições mais agressivas, de maior risco. O excesso de confiança faz com que os homens também tenham um giro muito alto dos ativos nas carteiras. A troca de posições nos fundos sob gestão masculina é 10% maior do que nas administradas por mulheres. Compra e venda de papéis tem um custo de corretagem e quanto maior esse giro, portanto, maior o peso das despesas da carteira, um ponto que reduz o ganho da aplicação.

Luciane Ribeiro, que comanda a área de gestão de recursos do Banco Safra, diz que historicamente está comprovado que o "day trade" (compra e venda no mesmo dia) não dá dinheiro. "E homem adora 'day trade'", diz ela. "O que dá dinheiro é carregar posição, descobrir uma tendência ou um ativo barato e ganhar com a valorização", acrescenta. Na prática, seria como investir no relacionamento, fenômeno que poucos homens sabem o que é realmente.

Luciane foi eleita pela Standard & Poor's como Top Gestão, acumula outras premiações importantes, está no Safra há 20 anos e foi gestora da fortuna pessoal de José Safra, um dos donos do banco. Hoje administra uma carteira de R$ 16 bilhões. Roseli Machado, que comanda a área de gestão do Banco Fator, também tem premiações importantes, com várias carteiras bem classificadas em diversos rankings. Ela está no Fator desde 97 e administra cerca de R$ 3, 5 bilhões. As duas são as únicas mulheres a comandarem casas de gestão de recursos no Brasil.

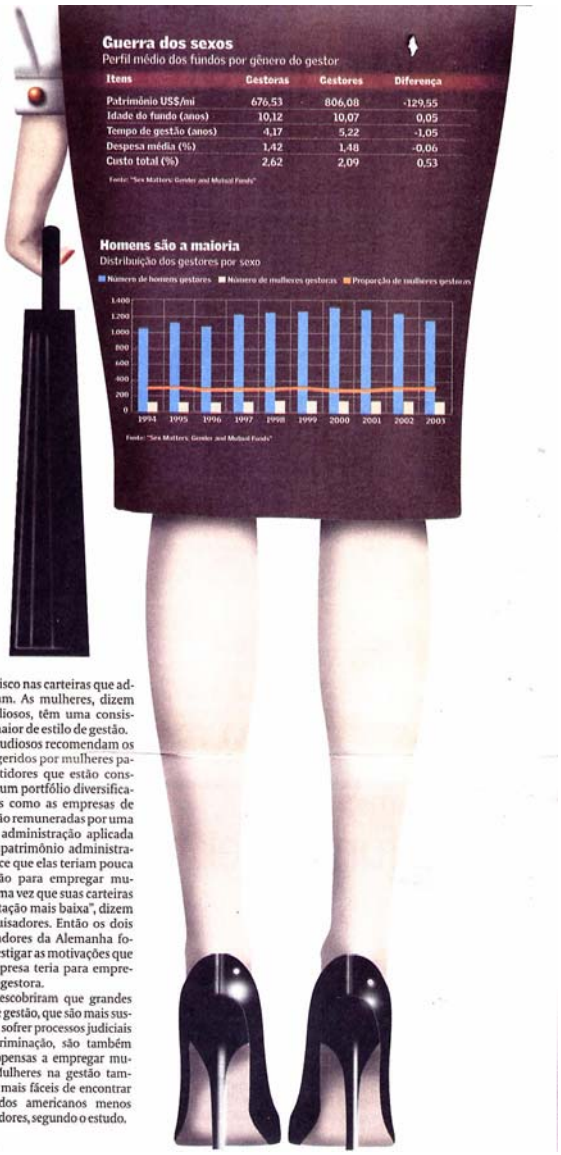
Elas acrescentam dois dados ao estudo de Ruenzi e Alexandra: as mulheres podem contar com o fator intuição no trabalho e também não fazem muito barulho. Homens em geral, dizem elas, adoram aumentar seus resultados com palavras. As mulheres não ficam por aí se vangloriando e contando vantagem e essa tranqüilidade, elas dizem, é muito boa no processo de gestão. "A mulher é mais pé no chão quando o assunto é dinheiro", diz Roseli.

Nos dois casos elas comandam equipes com 90% de homens. Mas, segundo Roseli, isso é um reflexo do mercado financeiro, que ainda é muito masculino. Ela diz que recebe mais currículos de homens. As mulheres, em geral, são maioria na área de atendimento ao cliente.

O estudo dos pesquisadores da University of Cologne diz ainda que homens são menos previsíveis do que as mulheres. As gestoras são mais estáveis e tomam menos risco nas carteiras que administram. As mulheres, dizem os estudiosos, têm uma consistência maior de estilo de gestão.

Os estudiosos recomendam os fundos geridos por mulheres para investidores que estão construindo um portfólio diversificado. "Mas como as empresas de gestão são remuneradas por uma taxa de administração aplicada sobre o patrimônio administrado, parece que elas teriam pouca motivação para empregar mulheres uma vez que suas carteiras têm captação mais baixa", dizem os pesquisadores. Então os dois pesquisadores da Alemanha foram investigar as motivações que uma empresa teria para empregar uma gestora.

Eles descobriram que grandes firmas de gestão, que são mais suscetíveis a sofrer processos judiciais por discriminação, são também mais propensas a empregar mulheres. Mulheres na gestão também são mais fáceis de encontrar em estados americanos menos conservadores, segundo o estudo.



Alexandra Niessen and Stefan Ruenzi: "Sex Matters: Gender and Mutual Funds", CFR-Working Paper 2006-01 (http://www.cfr-cologne.de/downloads/workingpaper/cfr-06-01.pdf)